

DANGEROUS LIAISONS: DAG HAMMARSKJÖLD E O CONGO DE 1960/61

Por Prof^a Dr^a Tereza Cristina Nascimento França*



Resumo: Dag Hammarskjöld foi o segundo secretário-geral da Organização das Nações Unidas. Sua gestão o levou a ser considerado como um modelo para o cargo e com isso nos leva a perguntar qual seria o adequado *framework* de ação de um secretário geral especialmente por recair sobre ele a tarefa de gerenciar a segurança coletiva e a paz em um cenário que não é afeito a elas. Hammarskjöld utilizou-se largamente de técnicas de diplomacia multilateral e bilateral bem como da opinião pública trazendo a diplomacia para a “luz do dia” em lugar das secretas. A intenção primária deste artigo é levantar as ações de Dag Hammarskjöld na tentativa de trazer paz ao Congo de 1960/61 e que acabou por resultar em sua morte. Neste intuito procuramos nos utilizar basicamente de fontes primárias como os discursos de Hammarskjöld e de documentos da ONU.

Palavras-chave: Congo, ONU, África

Abstract: Dag Hammarskjöld was the second Secretary-General of the United Nations. Its management has led him to be considered as a model for the position and this leads us to ask what would be the appropriate framework of action of a secretary general especially laid on him the task of managing collective security and peace in a setting that does not is accustomed to them. Hammarskjöld is widely used techniques of bilateral and multilateral diplomacy and public diplomacy to bring the "light of day" instead of secret ones. The primary intent of this article is to raise the actions of Dag Hammarskjöld in trying to bring peace to Congo in 1960/61 and which finally resulted in his death. To this end we seek to use mainly primary sources as speeches Hammarskjöld and UN documents.

Keywords: Congo, ONU, Africa

A história contemporânea atesta que por diversas vezes a Organização das Nações Unidas (ONU) foi o espaço de grandes embates entre seus associados especialmente no período 1945-1962, berço da Guerra Fria e o maior empecilho à segurança coletiva. Este espaço temporal é importante não somente pelo fato dele ser os anos iniciais da ONU mas por haver sido os anos administrativos de dois secretários-geral, o norueguês Trygve Lie e o sueco Dag Hammarskjöld que curiosamente foram reeleitos para um segundo mandato que não terminaram: o primeiro por renúncia e o segundo por haver morrido em missão.

Ao examinar as ações de ambos os secretários à frente da organização pergunta-se qual é o *framework* do Secretario Geral. De acordo com a Carta, o secretário-geral é o mais alto funcionário público internacional e funciona como um elo de ligação entre o Conselho, a Assembleia e os demais órgãos podem convocar uma reunião caso considere pertinente a discussão acerca paz no mundo. Inequivocamente recai sobre ele a tarefa de gerenciar a segurança coletiva e a paz em um cenário que não sabia (nem sabe) como criá-las. Conforme o segundo secretário-geral Dag Hammarskjöld estabeleceu: a ONU não pôde nem poderá impor a paz no mundo.

Para Hammarskjöld as Nações Unidas ofereciam um *framework* adequado para negociações[i]. O estilo negocial do secretário sueco envolvia uma mistura de diplomacia multilateral e bilateral. Era usuário das conversas diretas. Desde que havia assumido o cargo ele tinha ciência das novas técnicas diplomáticas necessárias a este novo mundo. Considerava a força da opinião pública e a necessidade de um “completo entendimento das novas e especiais necessidades das administrações no mundo atual”[ii]. Aprendeu a utilizar a publicidade nos atos da diplomacia multilateral ainda que tivesse ciência de que nem a opinião pública ou os governos estavam aclimatados a este aspecto de diplomacia à “luz do dia”. Hammarskjöld considerava que era este um novo aspecto das relações internacionais. A intenção primária deste artigo é levantar as ações de Dag Hammarskjöld na tentativa de trazer paz ao Congo de 1960/61 e que acabou por resultar em sua morte.

O CONGO DE 1960/61

Em 30 de junho de 1960 o Congo Belga tornou-se a República do Congo. Apesar de ser uma rica em recursos minerais em especial cobalto, diamantes industriais e zinco, condições favoráveis ao desenvolvimento agrícola, os benefícios do desenvolvimento econômico ficou restrito aos europeus, belgas em sua maioria[iii]. Com uma população estimada entre treze e catorze milhões de habitantes o país era carente de médicos, engenheiros e outras carreiras superiores que possibilitassem a construção do país. No dia da independência, o primeiro ministro Patrice Lumumba optou por desfechar um intenso ataque ao colonialismo, mas horas depois em um jantar oficial brindou ao rei belga pelo esplêndido trabalho no Congo. Uma ironia por parte de Lumumba, afinal nenhum congolês galgara qualquer alta posição administrativa no governo colonialista. Enquanto os líderes em Leopoldville eram contrários aos belgas, os da província de Katanga eram pró-Belgica.

Poucos dias após a independência, o exército congolês realizou uma demonstração pacífica em Thysville e os soldados em Leopoldville se recusaram a obedecer às ordens de líderes militares belgas em protesto à recusa de Lumumba em lhes aumentar os vencimentos. O resultado das treze horas de confusão foi um acordo entre os militares e as autoridades do governo que demitiriam os oficiais belgas. Em 11 de julho a província de Katanga, dirigida por Moses Tshombe proclamou-se independente, recusando-se a ver Lumumba que apelou por ajuda aos Estados Unidos da América e às Nações Unidas.

Dag Hammarskjöld convocou uma reunião do Conselho de Segurança para discutir o pedido de ajuda do Congo. Em 13 de julho a União Soviética advertiu em nota que a agressão armada no Congo era responsabilidade das potências ocidentais em especial a OTAN. Enquanto os Estados Unidos da América negavam enfaticamente a nota soviética, tropas belgas ocupavam seções de Leopoldville. O governo belga afirmava que seus soldados lá permaneceriam enquanto fosse necessário a despeito dos apelos das autoridades congolêsas pela retirada das tropas. Lumumba telegrafou à Hammarskjöld alegando a violação do tratado de amizade entre a Bélgica e o Congo. Lumumba pediu ajuda às Nações Unidas para proteger o território nacional contra a agressão externa, que ameaçava a paz internacional.

Em 13 de julho, Hammarskjöld convocou outra reunião do Conselho de Segurança, desta vez em caráter emergencial. No 873º encontro ocorrido na noite/madrugada de treze para catorze de julho de 1960, os representantes da Bélgica e do Congo foram convidados, embora sem direito a voto. O Secretário-Geral entendia que as Nações Unidas deveriam concordar com o pedido de ajuda do Congo. Para tal pedia ao Conselho de Segurança que lhe concedesse autorização para tomar as providências necessárias juntamente com o governo congolês para assistir ao país durante o período até que suas próprias forças de segurança estivessem aptas a cumprir sua tarefa.

A reunião foi marcada por longos debates. O representante russo acusou os Estados Unidos da América de participação direta na conspiração dos colonizadores contra a “jovem república do Congo”, e Ralph Bunche de trabalhar com o embaixador norte-americano no Congo. Enquanto as acusações prosseguiram, foi o representante da Tunísia propôs um projeto que se aproximava do que Hammarskjöld queria:

Decide autorizar ao Secretário-Geral a execução das medidas necessárias, após consultar o governo congolês, visando à assistência militar até que, através dos esforços da administração do Congo, com a ajuda técnica da ONU, as forças nacionais de segurança estejam aptas, de acordo com a opinião do governo, a cumprir integralmente suas tarefas. Pede ao Secretário-Geral que se comunique, no tempo e na forma devidos, ao Conselho de Segurança.[iv]

O projeto Soviético condenava a agressão armada da Bélgica e solicitava a retirada imediata das suas tropas. O Conselho aprovou a resolução tunisiana com abstenções da França, China Nacionalista e Reino Unido. A sessão que iniciara às 20h45 terminou às 3h25 com a aprovação da resolução nº 143 do Conselho de Segurança datada de 14 de julho de 1960 e adotada por oito votos a zero e três abstenções (China, França e Grã Bretanha):

Calls upon the Government of Belgium to withdraw its troops from the territory of the Republic of the Congo. Decides to authorize the Secretary-General to take the necessary steps, in consultation with the Government of the Republic of the Congo, to provide the Government with such military assistance as may be necessary until, through the efforts to the Congolese Government with the technical assistance as may be necessary until, through the efforts of the Congolese Government with the technical assistance of the United Nations, the national security forces may be able, in the opinion of the Government, to meet fully their tasks.[v]

A criação da segunda força de paz da ONU teve o voto dos países anticolonialistas que temiam as forças onusianas, com medo de que estas suprimissem suas ações. Neste meio tempo Katanga voltou à pauta das Nações Unidas. Em 14 de julho Moses Tshombe anunciou que recusaria permissão às tropas da ONU para desembarque em Katanga, ao contrário das belgas que lá permaneceriam. Tshombe protestou junto a Hammarskjöld sobre a decisão da ONU de solicitar que a Bélgica retirasse as tropas.

VIAGENS DE HAMMARSKJÖLD AO CONGO

A primeira fase da operação do Congo reuniu uma força de mais de quatro mil soldados da Etiópia, Gana, Marrocos, Tunísia e Guiné. Em resposta ao pedido de ajuda do Secretário-Geral os Estados Unidos da América, Canadá, Dinamarca, França, Índia, Reino Unido e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e Suíça, que nem membro das Nações Unidas era, enviaram transporte aéreo, comida, etc. Hammarskjöld reafirmou em seu relatório ao Conselho de Segurança que a Operação das Nações Unidas para o Congo (ONUC) operaria sob o comando exclusivo das Nações Unidas, e que não tomariam parte em qualquer conflito interno ou tomaria iniciativa no uso da força armada. Seu relatório ressaltava também a necessidade da reunião de dez mil soldados[vi]. Em 22 de julho de 1960 o Conselho de Segurança considerou o efeito salutar das tropas na região. Na mesma resolução requereu a todos os Estados “*to refrain from any action which might tend to impede the restoration of Law and order and the exercise by the Government of the Congo of its authority and also to refrain from any action which might undermine the territorial integrity and the political independence of the Republic of the Congo.*”[vii]

Hammarskjöld tinha ciência de que a ONUC marcava um enorme passo no processo da cooperação internacional, mas era somente o início do processo. Os desentendimentos entre os representantes do Congo e da Bélgica por causa do retorno das tropas mantinham a tensão do cenário. Ciente da importância da operação Hammarskjöld afirmou que “a África pode bem, nas circunstâncias atuais, significar o mundo. Eu sei que estas palavras são muito fortes, mas espero que este Conselho e os

membros desta Organização saibam que não uso termos fortes a não ser baseado em fortes convicções. [viii]

Patrice Lumumba chegou a Nova York em 24 de julho. Em entrevista à imprensa afirmou que praticava uma política de neutralismo positivo. Não aceitaria ajuda alguma de países que quisessem estabelecer outro regime de dominação. “Não saímos de um regime colonialista para cair em uma ditadura”. Após quatro horas de reunião com Hammarskjöld, Lumumba ouviu duas promessas: as Nações Unidas não poupariam esforços para a retirada das forças belgas, enviariam imediatamente ao Congo pessoal administrativo bem como peritos em assuntos de segurança interna.

Hammarskjöld seguiu para a Bélgica para tratar sobre a retirada das tropas. Apesar da fria recepção dos belgas conseguiu após a reunião com o primeiro ministro belga que este dissesse aos repórteres que Katanga era um problema interno cuja resolução era problema congolês. Porém, o primeiro ministro não mudou sua posição mantendo o pedido de que a ONU não interviesse nos assuntos internos do Congo. De fato, A Bélgica continuava a preferir que Katanga fosse um Estado à parte. A Grã-Bretanha e a França se mostravam simpáticos a esta proposta os Estados Unidos da América se mantiveram neutros sobre o caso. No entanto, o resultado prático da visita de Hammarskjöld apareceu após o aumento de pressão sobre a Bélgica por parte das Nações Unidas e dos Estados Unidos da América. A Bélgica concordou em se retirar após a chegada das forças das Nações Unidas.

Entre 28 de julho e 2 de agosto Hammarskjöld visitou o Congo. Reuniu-se duas vezes com o presidente Joseph Kasa-Vubu a quem pediu paciência quanto à Katanga e à retirada belga. No dia seguinte à chegada do Secretário-Geral, o governo belga anunciou que cerca de mil e quinhentos dos dez mil soldados seriam mandados de volta à Bélgica. Já o segundo encontro foi marcado pelas exigências de envio de tropas da ONU para Katanga. Hammarskjöld preocupava-se em evitar a guerra civil entre as partes que não chegavam a um acordo. Enquanto o governo de Lumumba pressionava Hammarskjöld para que ele ordenasse a entrada das tropas das Nações Unidas em Katanga, Tshombe afirmava que jamais concordaria com a entrada das forças onusianas em Katanga. Em um jantar oferecido pelo governo do Congo à Hammarskjöld o vice-premier fez um discurso acusando as Nações Unidas de estarem agindo em acordo com a Bélgica. Hammarskjöld respondeu:

Não esperem de nós atitudes que possam por em risco a futura felicidade daqueles que desejamos ajudar. Não queremos assumir tal responsabilidade e não agiremos, senhoras e senhores, de maneira contrária às nossas convicções, que foram baseadas num estudo completo dos problemas do país e de seu povo e que foram guiadas pelos pontos de vista expressados por seus representantes”[ix].

Em 3 de agosto de 1960, mesmo dia em que Hammarskjöld retornou à Leopoldville, Tshombe mobilizou todos os homens fisicamente capazes para impedir a entrada das tropas da força de paz na província de Katanga. Para ele, as forças de paz eram nada mais do que visitantes temporários. Hammarskjöld emitiu um parecer diretamente da sede da organização em Nova York afirmando que as forças da ONU além de não serem parte de um conflito interno, não cumpriam ordens do governo congolês. No dia seguinte Ralph Bunche voou para Elizabethville para se encontrar com Tshombe para tratar da entrada das tropas em Katanga. Após uma reunião de duas horas e meia, Tshombe não mudou de idéia.

Em 5 de agosto, Hammarskjöld decidiu que os soldados da ONU não entrariam em Katanga conforme esperado. Ele convocou uma sessão de emergência do Conselho de Segurança para o dia 7. Na abertura da reunião o Secretário assinalou que as desconfianças do governo congolês e de muitos setores do Estado estavam se espalhando pela população. Por esta razão afirmou que só pediria às tropas da força de paz que entrassem em Katanga se o Conselho de Segurança oferecesse uma autorização clara para tal procedimento, bem como a autorização dos países que contribuíram com soldados. Reiterou a necessidade de clarificação das resoluções do Conselho: Katanga estaria contemplada ou não? V. V. Kuznetsov, o representante soviético, ainda que tivesse dado crédito aos esforços do Secretário-Geral, pontuou que a ONU já havia recebido ordens de sobrepujar toda e qualquer resistência que pudesse encontrar, e caso não conseguisse, o Comando da ONU no local deveria ser substituído. Ante a sugestão de Kuznetsov de que a ONU deveria entrar à força em Katanga, Hammarskjöld reiterou que os contingentes da ONU só poderiam agir em defesa própria: “Eu, pessoalmente não acredito que se ajude o povo congolês com ações em que africanos matem africanos, ou congoleses, congoleses”.

A resolução final de 9 de agosto de 1960 fazendo referências às resoluções 143 e 145, reiterou a autorização dada ao Secretário-Geral para tomar todas as medidas

cabíveis. Voltou ainda a solicitar a retirada das tropas belgas da Província de Katanga. “*The entry of the United Nations Force into the province of Katanga is necessary for the full implementation of the present resolution.*” À luz do que Hammarskjöld já reiterara no Congo, a mesma resolução reafirmou que as forças das Nações Unidas no Congo “*will not be a party to or in any way intervene in or be used to influence the outcome of any internal conflict, constitutional or otherwise.*”[x] A resolução foi adotada por nove votos a zero com duas abstenções, França e Itália[xi].

Em 12 de agosto de 1960 Hammarskjöld chegou a Leopoldville. Era esperado por Moses Tshombe e uma força militar de Katanga composta por cinco tanques belgas, cinco patrulhas (três belgas e duas de Katanga) foi enviada para o aeroporto de Elizabethville onde estacionaram com os canhões apontados para a pista e as metralhadoras para o restaurante do aeroporto. Ressalte-se que o avião do Secretário-Geral sobrevoou três vezes antes de aterrissar. Um amigável Tshombe recebeu um cauteloso Hammarskjöld acompanhado, pelo que o congolês nomeou de seus duzentos e vinte guarda-costas suecos. Apesar de ter sido convidado a passar em revista a guarda de honra, Hammarskjöld declinou ao se deparar com uma bandeira da província de Katanga. Não obstante o convite de Tshombe para que ele seguisse diretamente para os carros a ele reservados, Hammarskjöld optou por esperar a aterrissagem dos dois aviões de tropas, antes de seguir para o local a ele reservado. As Nações Unidas estabeleceram suas tropas o mais rápido possível. Substituíram os pára-quedistas belgas no controle do aeroporto de Leopoldville. No decorrer do dia os aviões passaram a chegar com um intervalo de dez minutos entre eles e, ao final do dia, mais de mil e trezentos homens haviam chegado sendo esperados mais setecentos para o dia seguinte.

De Leopoldville, Hammarskjöld despachou um memorando para esclarecer a resolução 146, reiterando que as forças da ONU não seriam utilizadas como transporte para Katanga de representantes civis ou militares sob autoridade do governo central contra a decisão do governo provincial de Katanga. Hammarskjöld repetiu ainda que as forças de paz das Nações Unidas somente operariam dentro da sua finalidade de manter a lei e a ordem, e que não iriam ser usadas de maneira alguma, para influenciar no resultado de qualquer conflito interno, constitucional ou de qualquer tipo que fosse.

HAMMARSKJÖLD E OS ATAQUES DE LUMUMBA E KHRUSCHEV

Patrice Lumumba se sentiu desprestigiado por não receber a visita de Hammarskjöld antes que este seguisse para Elizabethville, atacando Hammarskjöld afirmando que o povo do Congo havia perdido a confiança nele. Lumumba insinuou ainda sobre as afinidades entre as famílias reais belga e sueca, exigindo cinco pontos: 1) que todos os aeroportos do Congo fossem entregues à polícia e ao exército congolezes; 2) as tropas africanas deveriam ser despachadas para Katanga; 3) todas as tropas não-africanas deveria ser retiradas de Katanga; 4) todos os aviões da ONU deveriam ser disponibilizados para transportar as forças nacionais do Congo onde quer que se tornasse necessária a defesa da paz; 5) sustação de toda e qualquer distribuição de armas e guerrilheiros do governo rebelde de Katanga.

Hammarskjöld rechaçou todas as acusações respondendo que submeteria o caso ao Conselho de Segurança. Lumumba desafiara alguns pontos caros a Hammarskjöld: a neutralidade da ONU bem como das forças de paz. No discurso de Lumumba percebe-se a preocupação de que estas tropas entrassem em conflito com o seu poder. No dia 21 de agosto de 1960 às 12h30 iniciaram-se as sessões do Conselho de Segurança que se estenderam por treze horas. Hammarskjöld fez três notas: 1) necessidade de criação de um comitê consultor formado pelos países-membros com representação de soldados para a operação; 2) Respondeu ao protesto de Kuznetsov sobre o domínio de cidadãos ocidentais e americanos na operação, dizendo que a operação aceitava peritos comunistas; 3) Substituiu o indiano Rajeshwar Daya que era seu representante pessoal no Congo por Ralph Bunche.

As sessões terminaram sem qualquer decisão formal. O presidente do Conselho estava convencido de que Hammarskjöld havia requerido a reunião apenas para um esclarecimento que ele havia encontrado. Notadamente, o Secretário-Geral já dispunha de três resoluções do Conselho de Segurança sobre o caso. Para Hammarskjöld as sessões eram uma demonstração de força e coesão da organização, afinal ele entendia que negociações deveriam ocorrer à luz do dia, conforme dito anteriormente.

Outros fatores capturaram a atenção do Secretário-Geral, desta vez de ordem interna. O comandante das tropas de Gana, major-general Henry Alexander entendia que a *Force Publique* de Leopoldville deveria ser desarmada, pedia ainda maior

autoridade para que os homens da Força pudessem agir como soldados. Bunche rebateu duramente as observações de Alexander, reiterando a natureza de uma força pacífica internacional. No entanto, o comportamento de Alexander mostrava a dificuldade de entendimento da natureza da força de paz. Qual seriam os limites de sua ação? De fato, as dúvidas de Alexander preconizam os dilemas futuros do *peacekeeping*: até onde podem seguir os limites da operação internacional sem que se comprometa a soberania de um Estado?

Em 5 de setembro o presidente congolês Joseph Kasa-Vubu anunciou a saída de Lumumba do governo. Este por sua vez propalou a saída de Kasa-Vubu, alegando ser o primeiro homem do Estado. A Câmara de Representantes do Congo invalidou ambas as demissões, o Senado manifestando sua confiança em Lumumba. Ressalve-se que a votação não significou uma maioria absoluta, tendo em vista que quarenta senadores da oposição foram intimidados ou presos. O cenário congolês dividia-se em três partes: Lumumba recebia ajuda dos soviéticos, Tshombe da Bélgica e Kasa-Vubu dos Estados Unidos da América. No meio deste conturbado triângulo estava a ONU que recebia acusações de Lumumba de estarem ajudando a seus oponentes. A dúvida que se instala sobre qual oponente ele se referia, já que se encontrava em desavença com Kasa-Vubu. Talvez esta seja uma das principais razões pela cautela extraordinária de Hammarskjöld no caso. O Congo cada vez mais se assemelhava a uma enorme areia movediça em torno de Hammarskjöld e da Organização.

Quando as Nações Unidas passaram a controlar a estação central da rádio impedindo tanto Lumumba quanto Kasa-Vubu de discursarem, e impediram os vôos de todos os aviões, tanto a União Soviética quanto Lumumba protestaram. Lumumba exigiu a retomada do controle dos aeroportos e passou a ameaçar a pedir a retirada das tropas da ONU, caso seus apelos não fossem atendidos. Em 9 de setembro o Conselho de Segurança reuniu-se, após rejeitar a tentativa soviética a pedido de Lumumba de transferir as sessões para Leopoldville, ouviu o relato do Secretário-Geral que defendeu o controle da rádio e dos aeroportos como fundamental pela luta da preservação da neutralidade. Para Hammarskjöld a ONU deveria reconhecer Joseph Kasa-Vubu como chefe de Estado e o Primeiro Ministro Lumumba[xii].

Por nove votos a dois o Conselho de Segurança decidiu suspender a sessão. O clima das sessões foi de hostilidade soviética contra Hammarskjöld. Na sessão do

Conselho de Segurança convocada pela União Soviética o representante soviético utilizou setenta e cinco minutos para acusar Hammarskjöld de ser favorável a Kasa-Vubu, servir à Bélgica, aos Estados Unidos da América, aliados da OTAN e de tentar minar o governo de Lumumba. Em suma, para os soviéticos o sueco estava ao lado dos colonialistas ocidentais. Hammarskjöld respondeu duramente que não se devia permitir que informações tendenciosas impedissem uma operação apoiada e apreciada por todos os países africanos que apoiavam a ONU.

A Tunísia, Ceilão, União Soviética e os Estados Unidos da América apresentaram resoluções. A única que recebeu votação foi a da Tunísia-Ceilão que pedia que se evitasse qualquer ato capaz de minar a integridade territorial e a independência política da República do Congo. Reiterava ainda que nenhuma ajuda militar poderia ser prestada ao Congo exceto como parte do programa das Nações Unidas. Como retaliação à proibição expressa de ajuda militar ao Congo, os soviéticos vetaram a resolução. Em resposta, os Estados Unidos pediram uma sessão de emergência da Assembléia Geral na madrugada de 17 de setembro em uma clara tentativa de retomar a liderança do caso das mãos dos soviéticos. Quando perguntado pelo soviético sobre a razão da convocação, o embaixador Wadsworth respondeu que era uma tentativa de proteger o Congo das tentativas de subversão já que o veto indicava que a “União Soviética não queria o sucesso da ONU no Congo, por desejar criar um satélite lá”[xiii]. Wadsworth referia-se ao envio de armamentos e munição pela União Soviética ao Congo.

Os ataques da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas a Hammarskjöld por suas ações no Congo foram mais duros do que os dirigidos à Trygvie Lie por ocasião da guerra da Coreia em 1950. Para evitar que os soviéticos repetissem os ataques como haviam feito na reunião do Conselho de Segurança Hammarskjöld disse à Assembléia Geral que “este órgão me conhece bastante bem para saber que eu não desejaria servir, mesmo que por um dia a mais apenas, além do ponto exato em que meus serviços fossem, ou pudessem ser considerados, em prol dos melhores interesses da ONU”. No dia seguinte reiterou que as operações das Nações Unidas no Congo vinham ocorrendo há pouco mais de dois meses, “mas nossas memórias são curtas e, o que é pior, são seletivas e muitas vezes errôneas”[xiv].

Hammarskjöld rebateu ainda, ponto a ponto, todas as acusações recebidas pelos belgas, Lumumba e os soviéticos. Em resposta à acusação da retirada das tropas belgas

haverem sido intencionalmente retardada, Hammarskjöld reiterou que havia sinalizado em seu relatório sobre a atitude belga “conforme me foi afiançado. Isso significa que a posição em princípio permanece verdadeira. Se mais tarde as autoridades belgas executaram a coisa de um modo que deploro e contra o qual protesto, aí já é outra questão”. Quanto à sua relutância em encontrar Lumumba, Hammarskjöld foi direto: não houve interesse por parte dele em “me ver, uma vez que o meu primeiro ato foi solicitar uma entrevista com o seu governo, entrevista essa para a qual jamais me convidaram”[xv]. Apesar das objeções, em especial as soviéticas, a resolução foi aprovada pela margem de setenta votos a zero, onze abstenções (nove estados do bloco soviético, União Sul-Africana e França). A votação deu um *round* a Hammarskjöld sobre a União Soviética. Porém, foi uma vitória pequena.

Nas sessões de 22 de setembro de 1960, Eisenhower afirmou que as críticas ao secretário-geral eram nada mais do que um ataque direto às Nações Unidas. Verbalizou ainda o que assombrava Hammarskjöld: “a solução desta questão determinará se a ONU é capaz de proteger, não apenas as novas nações da África, mas também outros países, contra a pressão externa”. Conseguiria as Nações Unidas preencherem o vácuo de poder colonial estabilizando uma região cuja nação era recém-nascida mantendo a neutralidade não somente na região como também nas ações do Secretariado? Em 1958, ocasião de sua reeleição, Hammarskjöld havia reafirmado a sua determinação de manter seu secretariado como uma força independente para agir sem influências políticas de nenhum outro Estado caso ele precisasse desenvolver uma ação.

Em contraposição ao discurso de Eisenhower, Nikita Khrushchev desferiu ataques aos Estados Unidos e acusou Hammarskjöld por não haver usado forças militares para apoiar o dirigente congolês Patrice Lumumba. Khrushchev iniciou nesta ocasião uma exigência de substituição de Hammarskjöld por uma *troika* formada por três representantes: um ocidental, outro soviético e um neutro. Para Khrushchev, Hammarskjöld era apenas um joquete em mãos colonialistas. O soviético, apesar de haver utilizado o termo neutro para sua proposta de troika, acusava Hammarskjöld pela falta de neutralidade no Congo afirmando a inexistência de um homem neutro. Dias depois o Secretário-Geral respondeu friamente que iria continuar em seu cargo pelo tempo que “*they wished*”, referindo-se aos pequenos e médios Estados. Os soviéticos tentaram com Hammarskjöld a mesma tática que havia sido bem sucedida com Trygve

Lie, porém desta vez só lhes restaram protestar batendo na mesa, enquanto Hammarskjöld recebia uma ovação de apoio. O sueco jamais deixaria que a ONU fosse usada para fins políticos, e sua postura pessoal e profissional falava por si mesma. Esta ocasião refletia o que já havia sido dito pelo ex-secretário da Liga das Nações, Eric Drummond: “Quanto menor o país, maior a confiança depositada no Secretário-Geral”.

No Congo, a situação continuava instável. O coronel Joseph Mobutu assumiu o controle do governo a 14 de setembro e dois dias depois os seguidores de Lumumba foram presos e o primeiro-ministro deposto e preso em sua casa em Leopoldville. Kasa-Vubu designou Joseph Ileo para seu lugar e manteve Mobutu à frente do exército. O presidente ordenou ainda a saída dentro de 48 horas dos embaixadores e pessoal das embaixadas da Rússia e da Tchecoslováquia. Ao mesmo tempo, a União Soviética, Gana e Guiné encabeçaram uma pressão nas Nações Unidas para que Lumumba voltasse ao poder. No Congo o primeiro entrechoque entre as forças das Nações Unidas e as do coronel Mobutu por causa da recusa do representante de Gana em deixar o país. Em um tiroteio em torno da casa do ganhador resultou em soldados mortos e feridos.

As conseqüências humanas da crise política eram sentidas pelo povo congolês. Aldeias queimadas, fuga em massa criando levas de migrantes sem casa e sem condições de vida. Desestruturação dos hábitos sociais deixando a população mais fragilizada ainda. As agências das Nações Unidas tentavam enfrentar a emergência angariando fundos e ajuda assistencial para os congolezes. De fato, a operação civil da ONUC preencheu um enorme *gap* na estrutura administrativa do Congo assumindo as funções médicas e educacionais. Porém, era mais difícil levantar fundos para a operação civil do que para as forças de paz. [xvi]

A fuga de Lumumba trouxe maior incerteza ainda ao cenário. A sua recaptura dias depois, severamente machucado, rendeu protestos ao governo congolês, e pedidos de tratamento humano por parte das Nações Unidas. Em dezembro de 1960 o Conselho de Segurança reuniu-se mais dez vezes em torno do caso do Congo. Duas resoluções foram votadas e rejeitadas pela Assembléia Geral. Hammarskjöld ressaltou o duplo insucesso do Conselho de Segurança quanto da Assembléia Geral na definição dos mandatos anteriormente conferidos à Organização, e a conseqüente dissidência em torno do apoio político e moral necessários à operação no Congo. O pessimismo se

espraiava pelas Nações Unidas, impacientes pelo complexo e caro caso para os membros da Organização.

A MORTE DE HAMMARSKJÖLD

No início de 1961 Lumumba foi transferido para uma prisão considerada mais segura na província de Katanga. Porém, no caminho voltou a ser severamente espancado por soldados congolezes gerando protestos por parte da União Soviética e de países afro-asiáticos. Em primeiro de fevereiro uma reunião do Conselho de Segurança foi convocada. Hammarskjöld confirmou a instabilidade no país solicitando poderes para desarmar os soldados congolezes. Ressalte-se que a mudança presidencial nos Estados Unidos da América influenciou diretamente o direcionamento do caso Congo nas Nações Unidas. Os norte americanos flutuaram entre apoiar um possível governo de coalizão com Lumumba até o apoio ao desarmamento das tropas congolezas. A reunião foi suspensa para que os diplomatas pudessem receber novos direcionamentos de seus governos.

Em 9 de fevereiro Joseph Kasa-Vubu anunciou o fim do regime militar introduzido seis meses antes por Mobutu que criara uma junta de jovens bacharelados congolezes para dirigirem o país até o próximo governo. Joseph Ileo foi escolhido por Kasa-Vubu para primeiro ministro do governo provisório. No dia seguinte a este anúncio correu a notícia da fuga de Lumumba. Um grupo de funcionários da ONU temeu que fosse apenas uma forma de acobertar o assassinato de Lumumba. As especulações sobre o destino de Lumumba cessaram somente em 13 de fevereiro quando o governo anunciou que ele fora morto por habitantes de uma aldeia contrários à sua política. O governo afirmou que “os que o mataram livraram o Congo e o mundo inteiro de um problema”.

A reação geral foi de choque e acusação. Enquanto o presidente Kennedy expressava seu grande choque, os partidários de Lumumba pregavam uma guerra civil. Hammarskjöld ordenou a pronta abertura de um rigoroso inquérito sobre a morte. Uma onda de especulações se espalhou sobre os reais assassinos do ex-primeiro ministro. União Soviética retirou o reconhecimento de Dag Hammarskjöld acusando-o de cumplicidade no assassinato de Lumumba, pressionando-o a renunciar. Em 15 de fevereiro a sala do Conselho foi invadida por negros americanos que aos gritos de ‘Viva

Lumumba' e 'Fora Hammarskjöld'. O representante norte-americano acusou a União soviética de haver declarado guerra à ONU e aos princípios da paz internacional. Em uma coletiva de imprensa no dia seguinte o presidente John Kennedy declarou em tom firme que se opunha à tentativa de qualquer intervenção unilateral no Congo.

No mesmo dia a Comissão de estudos no Congo anunciava suas conclusões sobre o caso. Eram seis: 1) o governo Kasa-Vubu se esforçava para ampliar sua base política incluindo simpatizantes de Lumumba; 2) A necessidade de preservação da unidade nacional e integridade territorial ocorreriam através de uma conferência de cúpula de todos os líderes políticos do Congo, fora do território congolês; 3) Soltura de todas as personalidades políticas detidas através de uma anistia geral; 4) Todas as forças armadas no Congo deveriam ser imobilizadas, reorganizadas e obrigadas a manter a ordem; 5) Reunião do Parlamento que havia sido dissolvido por Mobutu; 6) Medidas efetivas que pudessem forçar resoluções do Conselho de Segurança e da Assembléia Geral: o envio de ajuda só deveria ocorrer via ONU.

As recomendações surtiram um efeito salutar nas reuniões. O Conselho de Segurança aprovou uma resolução do Ceilão e Libéria que induzia o Conselho a tomar todas as medidas adequadas para impedir a guerra civil no Congo (cessar-fogo, suspensão das atividades militares e, em última instância, o uso da força). Exigia a imediata evacuação de todos os belgas e todos os demais militares que não estivessem sob o comando da ONU. O Conselho de Segurança aprovou por nove a zero com a abstenção da União Soviética. Depois de oito meses de impasse, as Nações Unidas passaram a ter maior margem de ação no caso do Congo.

O segundo ponto do relatório da Comissão ocorreu entre 10 e 12 de março quando Tenerife, em Madagascar, hospedou a conferência de dezoito líderes congolezes, à exceção de Gizenga. Ficou decidida, de forma unânime, a formação com Kasa-Vubu na presidência de uma confederação congoleza. O Tratado de Tenerife estabeleceu que um Conselho de Estado elaborasse a política interna e externa do Congo. As decisões deveriam ser unânimes. Em meados de abril ocorreu uma segunda conferência, a de Coquilhatville que reuniu os mesmos líderes de Tenerife e a mesma exceção, Gizenga. Desta vez houve um impasse: Tshombe queria uma confederação e Kasa-Vubu uma federação. Tshombe abandonou a conferência e sendo preso dois dias depois quando tentava retornar a Elizabethville. A Conferência de Coquilhatville

decidiu trabalhar mais próxima da ONU. O Parlamento congolês foi reaberto em 22 de julho com duzentos membros. O caminho para um governo de unidade nacional estava aberto em 2 de agosto pondo fim à crise constitucional.

O primeiro ministro Cyrille Adoula enviou uma carta a Hammarskjöld confirmando que as Nações Unidas iriam lidar com seu governo como o governo central. Em meados de agosto houve uma desordem na expulsão de oficiais estrangeiros e mercenários. As tropas das Nações Unidas foram atacadas em Katanga por policiais liderados por pessoal não congolês. O governo congolês pediu cessar-fogo, mas os ataques às tropas das Nações Unidas continuaram. Hammarskjöld atendendo a um convite de Adoula e pousou em Leopoldville para discutir o futuro da operação das Nações Unidas. Ele também intencionava conseguir uma reconciliação entre Leopoldville e Elizabethville. Porém o que encontrou foi uma confusão. Por esta razão optou por voar para Ndola, cidade de Katanga fronteira com a Rodésia do Norte para encontrar com Tshombe. Na noite de 17 de setembro de 1961, seu avião caiu.

Uma investigação oficial foi aberta[xvii]. Segundo o relatório, quando o DC-6B, charter da Swedish Transair company pousou em Leopoldville vindo de Elizabethville, os mecânicos perceberam que uma de suas tubulações havia sido perfurada a bala. A equipe reparou imediatamente o dano. Segundo o mesmo documento, a última mensagem de Hammarskjöld a Tshombe foi às 14hs e que ele havia sido informado de que o congolês iria viajar para Ndola às 15hs. Na falta de outra palavra de Tshombe, Hammarskjöld decidiu seguir para Ndola às 17hs. Às 8hs da manhã o avião ainda não havia alcançado Ndola. Às 9hs a base das Nações Unidas no aeroporto de Ndijili relatou que um avião não identificado havia sobrevoado o aeroporto de Ndola, mas não havia feito comunicação alguma com a torre de controle. A delegacia de polícia em Ndola reportou que em torno de uma hora da madrugada um grande flash foi visto no céu já no território da Rodésia, na localidade de Mufulira. Imediatamente o aeroporto de Leopoldville enviou um pedido de ajuda e resgate. Ao mesmo tempo o quartel-general das Nações Unidas em Leopoldville entrou em contato com as embaixadas da França, Portugal, Reino Unido e Estados Unidos para pedir ajuda no resgate.

Nas primeiras horas da manhã, o governo da Rodésia lançou uma busca em larga escala. Três aviões norte-americanos, bem como dois aviões da ONU foram despachados de Leopoldville. França enviou mais três aviões de Brazzaville. Em torno

das 14 horas de 18 de setembro, um relatório chegou à embaixada norte-americana sobre a queda de um avião a sete milhas do nordeste de Ndola. Mais tarde não houve dúvida de que o avião era o do secretário-geral, cujo corpo, o único afetado pelo fogo, havia sido positivamente identificado. Juntamente com ele a tripulação e outros sete membros do staff das Nações Unidas pereceram. O único sobrevivente foi o Sargento de segurança Harold M. Julien chefe de segurança da ONUC em Leopoldville, que estava em estado crítico, mas não desesperador. O Congo emitiu um *press release* reconhecendo os esforços do Secretário-Geral e proclamou luto nacional em 19 de setembro de 1961. Em todo o país as bandeiras ficaram a meio mastro.

Cinquenta anos depois a morte de Dag Hammarskjöld ainda é considerado como um caso não resolvido. Em 1992 o *The Guardian* recebeu uma carta de dois ex-representantes da ONU, Conor Cruise O'Brien e George Ivan Smith, afirmando ter evidências de que o avião havia sido abatido por mercenários. Seis anos depois durante a *Truth and Reconciliation Commission* liderada por Desmond Tutu, surgiram oito cartas que sugeriam que a CIA, MI5 e o grupo Sul-Africano de inteligência estiveram envolvidos na sabotagem do avião. Em 2005, o jornal norueguês *Aftenposten* publicou uma afirmação do ex-chefe militar da ONU no Congo, Bjorn Egge sobre a existência de um buraco redondo na testa de Hammarskjöld. Egge aventava ser este um buraco de bala.

A recente publicação das pesquisas da professora Susan Williams *Who killed Hammarskjöld? The UN, the Cold war and white supremacy in Africa* indicam que a morte não foi acidental. Para Williams, Hammarskjöld pode ter sido assassinado ou morto em uma tentativa falha de sequestro. Segundo ela há uma ínfima probabilidade do avião Albertina haver caído por causa de erro do piloto “conforme alegado pelo inquérito Rhodesian pública de 1961-62 e por um inquérito privado para o governo sueco em 1993”[xviii]. Pesquisas como as de Goran Bjorkdahl[xix] que afirma haver iniciado seu estudo após haver herdado de seu pai, que havia trabalhado na Zâmbia, em 1970, um pedaço da fuselagem do avião de Hammarskjöld que contém cinco pequenos buracos, também indicaram que a morte não foi acidental. No intuito de averiguar a realidade do caso, uma comissão de juristas foi criada:

Chair: Lord Lea of Crondall, H. E. Chief Emeka Anyaoku, former Commonwealth Secretary-General Dr KG Hammar, former Archbishop of Sweden Dr Henning Melber, Executive Director, Dag Hammarskjöld

Foundation, Uppsala; Professor, University of Pretoria, Professor Naison Ngoma, Director, Dag Hammarskjöld Institute for Peace and Conflict Studies, Copperbelt University, Kitwe, Zambia Hans Kristian Simensen, Gothenburg, Sweden Dr Susan Williams, Institute of Commonwealth Studies, School of Advanced Study, University of London.[xx]

CONCLUSÕES

O pioneirismo das ações de Dag Hammarskjöld é inegável. Defensor da diplomacia preventiva chegou a advogar uma ajuda econômica a países subdesenvolvidos para evitar a instalação de conflitos. Hammarskjöld tentou trazer para a Organização das Nações Unidas uma diplomacia às claras ou à luz do dia, bem como o desenvolvimento dos potenciais da Carta e do próprio *framework* das Nações Unidas, o seu maior desafio. Hammarskjöld via seu cargo como um símbolo de toda a organização. Ser Secretário-Geral não significa ser um vendedor ou propagandista, mas tentar alcançar os corações e mentes das pessoas para que os esforços das Nações Unidas pudessem se embasar nas reações públicas. As questões políticas do Secretário-Geral se desenvolvem ao lado dos motes humanas o que dotava o cargo de uma natureza delicada e difícil.

A este desafio estabelecia-se pelo próprio entorno da Guerra Fria que dificultava mais ainda o dia a dia das Nações Unidas, multilateral e interdependente do sistema internacional. O desafio era burckhardtiano: era o homem quem deveria guiar sua história e seu mundo ou se deixar ser guiado por eles? Sob Hammarskjöld não somente houve a ampliação do escopo de ação da ONU, como também do número de estados-membros: dos sessenta países sob Trygvie Lie, passaram a 104 em 1961 sob Hammarskjöld. Ressalte-se ainda que dos quarenta e quatro novos membros, dezessete eram decorrentes da descolonização deles somente em 1960. Tais países recém-nascidos demandavam uma enorme assistência e atenção do sistema, que ainda sofriam os efeitos da Revolução cubana do ano anterior. A desconfiança entre os soviéticos e norte americanos ecoava no cenário.

Neste cenário, a solução desta questão determinaria se a ONU seria ou não capaz de operacionalizar uma proteção às nações sem que estas perdessem sua soberania passando a joguetes nas mãos das potências colonizadoras. Tais efeitos podem ser percebidos pela ação da França que se absteve de todas as votações do Conselho de

Segurança sobre o Congo, por tender a apoiar a Bélgica. Este era o dia a dia da ONU. Precisava de ações neutras, mas ao mesmo tempo não conseguia se livrar de defesas de interesses no processo de tomada de decisão. O peso das decisões dos afro-asiáticos já vinha mostrando sua força desde Bandung. Durante todo o caso do Congo as decisões necessárias à tomada de ação do Secretário-Geral vieram dos afro-asiáticos, como a resolução 143 do Conselho de Segurança proposta pela Tunísia.

Ao mesmo tempo em que defendia a independência do Secretariado, Hammarskjöld viu-se exposto a ataques incessantes por parte da União Soviética, e defendeu a Organização, o Secretariado e a operação de todas as maneiras possíveis, rebatendo todos os pontos de acusação. Se o descolonizado Congo foi um enorme desafio para a administração Hammarskjöld por causa de sua própria natureza, ou seja, a falta de uma administração civil no país ao mesmo tempo em que tudo no país era emergencial. A natureza tríade do cenário interno expôs a ONU e, conseqüentemente, Hammarskjöld que tentou de todas as maneiras ampliar seu escopo de ação, sendo rebatido, em especial pela União Soviética que passou a combatê-lo ferozmente desde o início do caso. O recuo norte americano por conta das eleições internas deixou o Secretário-Geral sem a contrapartida política para manter a União Soviética dentro de seu escopo de ação. O avanço da influência soviética foi claramente sentido na diplomacia de 'corredor'. Por ocasião da 15ª Assembléia Geral, o presidente Eisenhower ficou dois dias com os diplomatas afro-asiáticos enquanto Nikita Khrushchev passou três semanas.

Os anos Hammarskjöld deixam como lição a necessidade de inventividade, conhecimento e força do Secretário-Geral, aprendizagem e também de enorme fragilidade da diplomacia na casa de vidro. Sem independência na tomada de decisões, e especialmente a financeira, a organização fica exposta à maré da ação dos homens de boa vontade. As circunstâncias de sua morte carregam em si uma gama de mistério, especialmente pelo fato de ser inegável que ele tenha desagradado a muitos ao demonstrar com seu comportamento a sua crença pessoal e a ideia da ONU como uma organização que deveria existir não para levar a humanidade para o paraíso, mas para salvá-la do inferno. Dag Hammarskjöld tornou-se o exemplo de secretário-geral para as Nações Unidas por acreditar que:

Our work for peace must begin within the private world of each one of us. To build for man a world without fear, we must be without fear. To build a world of justice, we must be just. And how can we fight for liberty if we are not free in our own minds? How can we ask others to sacrifice if we are not ready to do so?... Only in true surrender to the interest of all can we reach that strength and independence, that unity of purpose, that equity of judgment which are necessary if we are to measure up to our duty to the future, as men of a generation to whom the chance was given to build in time a world of peace.[xxi]

O professor Antônio Augusto Cançado Trindade uma vez disse que o grupo dos idealistas, apesar de ser menor do que o dos realistas, é persistente. Sem dúvida. Dag Hammarskjöld persistiu e persiste como um farol na noite sem luz dos tempos sombrios do século XXI. E como ele mesmo disse: *“In our era, the road to holiness necessarily passes through the world of action.”*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Carta das Nações Unidas. São Francisco, Califórnia, 26 de junho de 1945.

FRANCA, Tereza Cristina Nascimento. “A quiet diplomacy de Dag Hammarskjöld”. V Seminário Internacional de Direitos Humanos da UFPB - Norberto Bobbio: **Democracia, Direitos Humanos e Relações Internacionais**, 12 de novembro de 2009.

GENERAL ASSEMBLY OFFICIAL RECORDS, 4th special session. 858th Plenary meeting, 17 september 1960.

HAMMARSKJÖLD, Dag. New diplomatic techniques in a new world – **Address to the Foreign Policy Association at a Dinner given in his honor.** New York, 21 october 1953, pp.49-55.

HAMMARSKJÖLD, Dag. **Do we need the United Nations?** Address before the Students´ Association. Copenhagen, May 2, 1959. UN Press Release SG/812, May, 1, 1959, pp.364-374.

HAMMARSKJÖLD, Dag. **Two differing concepts of United Nations Assayed: Introduction to the annual report of the Secretary-General on the works of the Organization.** International Organization. Cambridge University Press, Vol. 15, nº 4,

(Autumn, 1961), pp. 549-563. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/270555>>;. Acesso em: 06/10/2009.

JACOBSON, Harold Karan. **Onuc's civilian operations – state-preserving and state-building**. World Politics, vol. 17, nº 1 (oct. 1964), pp. 75-107. Published by The Johns Hopkins University Press. Disponível em: <www.jstor.org/stable/2009388>. Acesso em 06/10/2009.

Letter dated 10 august **1961 from Cyrille Adoula the Prime Minister of the Republic of the Congo (Leopoldville)** addressed to the Secretary-General.

Letter dated 13 august 1961 from the Secretary-General to the Prime Minister of the Republic of the Congo (Leopoldville).

LIPPMANN, Walter. **“Dag Hammarskjöld, United Nations Pioneer”**. International Organization, Cambridge University Press, vol. 15, nº 4 (Autumn, 1961), pp. 547-548. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2705550>> Acesso em: 06/10/2009.

Press Release dated 18 september **1961 issued by the Prime minister of the Republic of the Congo (Leopoldville)**.

SECURITY COUNCIL OFFICIAL RECORDS, Resolution 143 of 14 July 1960 (S/437). Official Records of the Security Council, Fifteenth year, 873rd meeting.

SECURITY COUNCIL OFFICIAL RECORDS, First report by the Secretary-General about the execution of the resolution S/4387 of the Security Council, July 18th 1960, 12 páginas.

SECURITY COUNCIL OFFICIAL RECORDS, Resolution 145 of 22 July 1960 (S/4405). Official Records of the Security Council, Fifteenth year, 879th meeting.

SECURITY COUNCIL OFFICIAL RECORDS, Resolution 146 of 09 August 1960 (S/4426). Official Records of the Security Council, Fifteenth year, 886th meeting.

SECURITY COUNCIL OFFICIAL RECORDS, Resolution 146 of 09 September 1960 (S/PV 896). Official Records of the Security Council, Fifteenth year, 896th meeting.

SECURITY COUNCIL OFFICIAL RECORDS, Resolution 161 of 21 February 1961 (S/4741). Official Records of the Security Council, Fifteenth year, 942nd meeting.

SECURITY COUNCIL OFFICIAL RECORDS, Report by the Secretary-General concerning the meeting of the Parliament of the Republic of the Congo (Leopoldville) and the establishment on 2 august 1961, of a new Government of the Republic. Also circulated to the General Assembly as document A/4830.

SECURITY COUNCIL OFFICIAL RECORDS, Official Records of the Security Council, Fifteenth year, 960th meeting, 16 September 1960, p. 126-130.

Speech made on 2 august 1961 **to the two houses of the Congolese Parliament by the Prime minister**, Mr. Cyrille Adoula.

Special Report on the fatal flight of the Secretary-General's aircraft. Document S/4940/Add.5, 19 september 1961.

WILLIAMS, Susan, *Who killed Hammarskjöld: The UN, the Cold war and white supremacy in Africa*. London, C Hurst & Co Publishers Ltd, 2012.

Notas

* Doutora em Relações Internacionais pela Universidade de Brasília (UnB); Professora do Núcleo de Relações Internacionais da Universidade Federal de Sergipe (UFS); Membro da *International Law Association* (ILA). Coordenadora do Labecon (Laboratório de Estudos de Conflito e Paz). – email: heresnemo@gmail.com

[i] HAMMARSKJÖLD, Dag. Do we need the United Nations? Address before the Students' Association. Copenhagen, May 2, 1959. UN Press Release SG/812, May, 1, 1959, pp.364-374.

[ii] HAMMARSKJÖLD, Dag. New diplomatic techniques in a new world – **Address to the Foreign Policy Association at a Dinner given in his honor**. New York, 21 october 1953, pp.52.

[iii] JACOBSON, Harold Karan. Onuc's civilian operations – state-preserving and state-building. **World Politics**, vol. 17, nº 1 (oct. 1964), pp. 75-107. Published by The Johns Hopkins University Press. Disponível em: <www.jstor.org/stable/2009388>. Acesso em 06/10/2009, p. 77.

[iv] Resolution of 14 July 1960 (S/437). Official Records of the Security Council, Fifteenth year, 873rd meeting, paras 18-29.

[v] Idem. Fifteenth year, supplement for July, August and September 1960, document S/4382.

[vi] SECURITY COUNCIL OFFICIAL RECORDS, First report of the Secretary-general about the execution of the resolution S/4387 of the Security Council, July 18th 1960, 12 pages.

[vii] SECURITY COUNCIL OFFICIAL RECORDS, Resolution 145 of 22 July 1960 (S/4405). Official Records of the Security Council, Fifteenth year, 879th meeting.

[viii] SECURITY COUNCIL OFFICIAL RECORDS, 877th Meeting, July 20, 1960.

[ix] Discurso do Secretário-Geral no jantar dado pelo vice-premier da República do Congo. ONU: Departamento de Informações públicas, Serviço de Imprensa, SG/937, 2 de agosto de 1960, 3 páginas.

[x] SECURITY COUNCIL OFFICIAL RECORDS, Resolution 146 of 09 August 1960 (S/4426). Official Records of the Security Council, Fifteenth year, 886th meeting.

[xi] Esta reunião foi a segunda mais longa da Organização até então, doze horas e cinco minutos. A primeira havia sido sobre a crise húngara de 1956.

[xii] SECURITY COUNCIL OFFICIAL RECORDS, Resolution 146 of 09 September 1960 (S/PV 896). Official Records of the Security Council, Fifteenth year, 896th meeting.

[xiii] SECURITY COUNCIL OFFICIAL RECORDS, Official Records of the Security Council, Fifteenth year, 960th meeting, 16 September 1960, p. 126-130.

[xiv] GENERAL ASSEMBLY OFFICIAL RECORDS, 4th special session. 858th Plenary meeting, 17 september 1960.

[xv] Idem.

[xvi] JACOBSON, Harold Karan. Op. Cit., p. 75.

[xvii] Special Report on the fatal flight of the Secretary-General's aircraft. Document S/4940/Add.5, 19 september 1961.

[xviii] WILLIAMS, Susan, *Who killed Hammarskjöld: The UN, the Cold war and white supremacy in Africa*. London, C Hurst & Co Publishers Ltd, 2012, p. 232.

[xix] Disponível em <http://www.guardian.co.uk/world/2011/aug/17/dag-hammarskjold-crash-goran-bjorkdahl>. Acesso em 03 de setembro de 2012.

[xx] Disponível em: <http://www.dhf.uu.se/wordpress/wp-content/uploads/2012/08/Dag-Hammarskjold-death-new-inquiry-17-July-2016.pdf> cesso em 03 de setembro de 2012.

[xxi] UN Press Release SG/360 (22 December 1953).